



EVARISTO ARNS, D. PAULO. *Da Esperança à Utopia*. Testemunho de uma vida. Rio de Janeiro: Sextante, 2001, ISBN 85-86796-93-X, 479 p.

## **Maria Regina Ribeiro Graciani\***

Mestranda em Teologia pela PUC/SP.

Na autobiografia, *Da Esperança à Utopia*. Testemunho de uma vida, dom Paulo Evaristo Arns apresenta a trajetória de toda sua existência. Da infância na pequena cidade de Forquilha, em Santa Catarina, o arcebispo emérito de São Paulo apresenta o surgimento de sua vocação religiosa e sacerdotal, e aponta todos os passos que o levaram a ser cardeal-arcebispo nesta gigantesca cidade.

Sua luta pelos direitos humanos em tempos duros de ditadura e seus ideais de justiça e liberdade são descritos em uma prosa cativante.

Hábil e firme negociador no convívio com os poderosos de seu tempo, sempre defendeu a inteligência e a liberdade no seio da Igreja e da sociedade.

Seguindo o exemplo de Paul Claudel, importante escritor católico e diplomata francês, não passava um dia sem ao menos escrever uma página. O resultado é a coletânea de títulos publicados, em variados idiomas, elencada ao final.

Oferecida pelo próprio autor “não só aos cristãos, mas a todas as pessoas de boa vontade que desejam unir-se na luta pela justiça social, solidariedade, busca da verdade e da liberdade”, a obra convida o leitor a examinar, criticar, avaliar e até completar as experiências vividas para assim “produzir o fruto que Deus espera de cada existência ou de cada humanidade humana”.

A primeira parte do livro prepara o que virá à época seguinte, 1970 a 1998, tempo como arcebispo metropolitano de São Paulo e que aparece na segunda parte do volume. Os registros mais decisivos aparecem descritos na terceira e última parte, justamente a de maior repercussão já que acontecidos em tempos de ditadura.



Editado em 2001, quando dom Paulo contava 80 anos de vida, *Da Esperança à Utopia*. Testemunho de uma vida, nos coloca na presença de alguém que responde ao chamado de Deus, e faz de cada etapa de sua vida uma expressão concreta de fé e esperança em benefício dos seres humanos.

O autor é tido como uma das figuras mais ilustradas da Igreja brasileira, com doutorado na Sorbonne. Os variados títulos, homenagens, doutorados *honoris causa*, cidadanias e prêmios recebidos assim o atestam e aparecem descritos ao final da obra.

De todos os títulos recebidos, porém, há um especial guardado como uma espécie de juramento feito ao pai - “ser padre, mas tirado dentre o povo” -: sempre ser filho de colono e de seu povo. Um filho dos colonos Helena e Gabriel Arns.

Nascido entre quatro irmãs, uma mais velha e as outras mais jovens, todas extremamente carinhosas com ele, sempre viveu a afeição na família. E, também a vocação: três se tornaram religiosas e uma, professora de universidade, que criou seis filhos adotivos com afeto de mãe. Outros dois irmãos seguiram para o seminário franciscano. Dos treze filhos do casal, cinco seguirão o caminho religioso ou sacerdotal.

É da mãe que o menino Paulo guardará a frase que muitas vezes soará em sua vida: “É o coração que vê Deus e seus amigos”. E as três ave-marias diárias rezadas pelos padres e seminaristas. A oração ainda não era em seu favor, mas viria a ser.

Do pai, homem de poucas palavras, mas de uma correção incontestável em todas as situações da vida, dom Arns aprenderá que a luta pela paz só pode ser levada avante com a não violência, com empenho pessoal. O diálogo é a solução para os problemas. É a relação do pai com os colonos a origem da prática participativa e democrática presente em sua gestão como arcebispo.

Dos primeiros mestres de infância, admira três grandes qualidades: a seriedade, a maneira prática de ensinar, e o ensino religioso, o centro de tudo, certamente, o motivo da amizade, solidariedade e também da justiça social de toda educação recebida na colônia em que vivia.



A aprendizagem e o ensino tinham como finalidade tocar o coração, formar a consciência e construir as grandes motivações para a vida. Tudo era ligado à natureza e aos homens. As alegrias enchiam a vida.

Franciscano, passou a gostar de São Francisco já aos nove anos de idade. Será pelas “mãos” deste santo - em suas palavras, o encanto de toda a sua vida, e do qual aprenderá os grandes valores da vida - que Paulo será frade e bispo para a Igreja toda.

A loucura evangélica de Francisco o empolga a ser o “arauto” de Cristo, a levar a palavra do Mestre ao pé da letra. Com ele, aprende que toda a religiosidade acaba se transformando na oração que ele manda rezar todos os dias e o dia todo: o pai-nosso.

Leonardo Boff, seu aluno e colaborador, comenta na “orelha” da obra que, da figura terna e fraterna de São Francisco de Assis, dom Paulo uniu um amor afetivo e efetivo pelos pobres e excluídos, a simplicidade e cordialidade no trato com as pessoas e a centralidade do Evangelho como fonte inspiradora de esperança e utopia.

Como arcebispo de São Paulo deixará o Brasil oitenta vezes para visitar trinta e um países. Durante esse período terá contato direto com três sumo pontífices: Paulo VI, - que o nomeou bispo auxiliar e depois arcebispo, João Paulo I – o papa sorriso com apenas trinta e três dias de pontificado, e João Paulo II – sob cujo papado ocorrerá a divisão da arquidiocese de São Paulo, antes tida como modelo de administração para uma megalópole.

Na década de 1970, na cidade, a liturgia eucarística era celebrada a cada domingo em vinte e nove línguas diferentes, uma amostra do tamanho do desafio que a gigantesca cidade proporcionava.

O episcopado o levará a participar de eventos significativos para a vida da Igreja do *aggiornamento* do Concílio Vaticano II. A grande assembleia dos bispos da América Latina e do Caribe em Medellín (1968) e em Puebla (1979) insiste na justiça social e direcionam a Igreja do continente a se manter ao lado dos empobrecidos pelos sistemas latinoamericanos daquele tempo. Santo Domingo (1992) foi pouco produtiva nesse sentido e deixou a desejar (a ponto de vir a ser pouco lembrada posteriormente).



Apesar das ameaças do sistema militar, que dominava o Brasil desde o final da década de 60 e durante todos os anos 70 cerceando todos os movimentos contra as injustiças sociais, dom Paulo procura assegurar a defesa da verdade e da vida por onde passa. Fez-se presente em momentos cruciais neste período grave de nossa história em que os atos institucionais promulgados pelo governo militar assustavam sempre mais.

Visitas a presídios e a prisioneiros torturados, participação na Comissão Justiça e Paz - fundada por Paulo VI e já existente em Roma - tornaram a Cúria de São Paulo atração para todos os refugiados do Brasil e da Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Chile.

Não houve um só grande acontecimento que não passasse pelo crivo desta Comissão com a tarefa gigantesca de enfrentar todo um regime militar montado com muito poder e pouca justiça.

A ação ecumênica, tão recomendada pelo Vaticano II e tão enfatizada por João XXIII, também fez parte de seu projeto episcopal. O evento mais marcante dessa ação se deu por ocasião do funeral do jornalista Vladimir Herzog, diretor da TV Cultura. Em cerimônia na Catedral de São Paulo, em caráter ecumênico e em rito judaico, respeito à origem judaica de Vlado, o reverendo presbiteriano Jamie Wright representou as denominações cristãs, e o rabino Henry Sobel pronunciou uma bela exposição judaica. Era o ano de 1975 e foi a partir desse acontecimento que ambos passam a participar de atividades conjuntas em favor dos perseguidos políticos.

Foi por meio do diálogo, arma mais eficiente para todas as situações críticas e mesmo para aquelas que parecem insolúveis, que a luta em favor da dignidade humana e de seus direitos foi travada. Dom Paulo almejava que a imagem de Deus, tão bem retratada em cada mulher e homem, fosse respeitada como ensinam a Bíblia e a tradição judaico-cristã. E a Declaração Universal dos Direitos Humanos assim confirma como fundamento político.

Um fato ilustra bem essa disposição. Era o ano de 1980 e vários líderes operários em greve haviam sido presos sem as devidas formulações legais. Dom Paulo preparou um ato na Catedral em que contou fatos que inocentavam os operários e mostravam a fraqueza do regime militar. Foram cinco quilos e oitocentos gramas de abaixo-



assinados, cartas e telegramas de apoio recebidos de todos os estados do Brasil e de onze países do mundo inteiro após esse encontro de oração.

Pode-se resumir que, por sua ação no período de 1970 a 1986, a Cúria Metropolitana de São Paulo tornou-se “um centro de informações da mais alta credibilidade”, para todos que a procuravam, mesmo que não fossem católicos ou cristãos. Era a efetiva colaboração para ajudar a enfrentar a turbulência vivida assim como apressar a democratização do país e de outros países sul americanos. E de tudo o que pudesse preparar um Brasil melhor.

Quando chamado ao episcopado, toma a decisão de vender o Palácio Pio XII, residência oficial do arcebispo, para destinar o resultado de sua venda aos pobres e imigrantes. A simplicidade franciscana ainda o levará a doar os duzentos e cinquenta mil dólares recebidos em um Prêmio da Paz, no Japão, por sua luta em favor dos direitos humanos e dos mais empobrecidos e pelo Projeto *Brasil Nunca Mais*, onde narra objetivamente as torturas praticadas pelo regime. Em outra ocasião, empregará os duzentos e cinquenta mil dólares - recebidos como gratidão da família de Abílio Diniz por sua intermediação no sequestro do empresário - na construção da Casa São Paulo, residência para padres idosos e padres professores.

Na qualidade de autobiografia de um franciscano, a obra apresenta o levantamento de uma existência vivida na modéstia e no despojamento. Dom Paulo Evaristo Arns deixa à história e ao leitor a tarefa de imaginar o alcance de suas ações cuja “valentia quebrou o silêncio da violação dos direitos humanos” em dura época de perseguição também à Igreja Católica. Sem se enaltecer, o homem que protagonizou importantes situações que impactaram a história recente do país, se apresenta a trabalho, em nome de Deus, para a defesa da pessoa humana, e de qualquer pessoa humana, centro de toda a criação.

---

\* Mestranda em Teologia pela PUC-SP. Graduada em Teologia pela PUC-SP e em Nutrição pela Faculdade de Saúde Pública – USP. Email: reginagracioni@uol.com.br.